



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

CAMILA FERREIRA DO VALE

**SOCIEDADE, LITERATURA E EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE AS
REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA OBRA *GABRIELA, CRAVO E CANELA*
(1958) DE JORGE AMADO EM DIÁLOGO COM *ÚRSULA* (1859) DE MARIA
FIRMINA DOS REIS**

BRUMADO
2025

CAMILA FERREIRA DO VALE

SOCIEDADE, LITERATURA E EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA OBRA *GABRIELA, CRAVO E CANELA* (1958) DE JORGE AMADO EM DIÁLOGO COM *ÚRSULA* (1859) DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Artigo acadêmico apresentado ao Departamento de Letras – Língua Portuguesa e Literatura, do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT) do Campus XX da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Angélica Rocha Fernandes

BRUMADO
2025

CAMILA FERREIRA DO VALE

SOCIEDADE, LITERATURA E EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA OBRA *GABRIELA, CRAVO E CANELA* (1958) DE JORGE AMADO EM DIÁLOGO COM *ÚRSULA* (1859) DE MARIA FIRMINA DOS REIS

APROVADA EM: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Angélica Rocha Fernandes
Orientadora – UNEB/CAMPUS XX

Profa. Dra. Luciana Canário Mendes
Examinador/a - UNEB/CAMPUS XX

Prof. Dr. Marcolino Sampaio dos Santos
Examinador/a - UNEB/CAMPUS XX

BRUMADO
2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, Criador e detentor de todas as coisas, expressão suprema de amor e bondade, por me conceder força, sabedoria e luz para trilhar este caminho acadêmico.

À minha mãe, Josefa, refúgio de amor e força, que sempre me instruiu com dedicação e carinho aos caminhos da educação, sou eternamente grata. Ao meu pai José e minhas irmãs Rosângela, Roberta e Angélica, fonte constante de amor, apoio e parceria, deixo meu reconhecimento e gratidão por estarem sempre ao meu lado.

Minha imensa gratidão ao meu esposo, Júnior, por me incentivar a persistir e nunca desistir dos meus sonhos, por toda parceria, compreensão e acolhimento nos momentos difíceis, tornando-se meu maior apoio nesta jornada.

Expresso minha profunda gratidão à minha orientadora, Maria Angélica Rocha Fernandes, por compartilhar seu conhecimento, seus grandiosos ensinamentos e auxílio durante todo o meu percurso acadêmico.

Por fim, agradeço à UNEB pela oportunidade e por proporcionar um ambiente que possibilitou o meu crescimento acadêmico e pessoal.

SUMÁRIO

1 Introdução	6
2 Analfabetismo e opressão feminina: a condição da mulher na sociedade de <i>Gabriela, cravo e canela</i> (1958)	10
3 Malvina como representação de uma educação freiriana	17
4 Considerações Finais	22
Referências	24

SOCIEDADE, LITERATURA E EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA OBRA *GABRIELA, CRAVO E CANELA* (1958) DE JORGE AMADO EM DIÁLOGO COM *ÚRSULA* (1859) DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Camila Ferreira do Vale¹
Maria Angélica Rocha Fernandes²

RESUMO

Este artigo analisa a opressão feminina nas obras *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), de Jorge Amado, em diálogo com *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, destacando a luta das personagens contra os limites impostos pela estrutura patriarcal. O objetivo é analisar as ideologias sociais e culturais sobre os papéis femininos e masculinos presentes na obra *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), de Jorge Amado, evidenciando as representações de gênero e a forma como estas influenciam as interações entre os personagens e suas relações com a sociedade, além de refletir sobre como esses aspectos podem ser trabalhados no contexto escolar, promovendo reflexões críticas e a desconstrução de estereótipos de gênero entre os estudantes. A análise dialoga com as ideias de Paulo Freire sobre educação libertadora, ressaltando a importância entre Literatura e educação como instrumento de transformação social. A pesquisa revela que tanto Amado quanto Firmina denunciam a exclusão das mulheres e a manutenção da desigualdade social e de gênero, apontando para a relevância do debate sobre educação e liberdade feminina na literatura. A metodologia utilizada para tais discussões se fundamenta na obra de Amado citada anteriormente e na pesquisa bibliográfica de autores como Fernandes (2021), Freire (1967; 1970), Goldstein (2000, 2009), Ribeiro (1999), entre outros, tais autores serviram de base para a fundamentação teórica.

Palavras-chave: Literatura; Analfabetismo; Educação; Sociedade; Opressão.

ABSTRACT

This article analyzes female oppression in *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), by Jorge Amado, in dialogue with *Úrsula* (1859), by Maria Firmina dos Reis, highlighting the characters' struggle against the constraints imposed by a patriarchal structure. The aim is to explore how these works depict the lack of access to education and the denial of women's autonomy, with particular emphasis on Malvina, a character created by Jorge Amado, who emerges as a symbol of resistance and the pursuit of emancipation through education. The analysis engages with Paulo Freire's ideas on liberating education, emphasizing the role of literature and education as instruments of social transformation. The study reveals that both Amado and Firmina denounce the exclusion of women and the perpetuation of social and gender inequality, underscoring the relevance of the debate on education and women's freedom in literature. The methodology employed is based on the analysis of the aforementioned literary works and bibliographic research grounded in theorists such as Fernandes

¹ Graduanda em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB), *campus XX*.

² Orientadora, Dra. Profa. Do Departamento de Letras – Língua Portuguesa e Literatura, do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT) da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), *campus XX*.

(2021), Freire (1967; 1970), Goldstein (2000, 2009), Ribeiro (1999), among others, who provide the theoretical framework for this discussion.

Keywords: Literature; Illiteracy; Education; Society; Oppression.

1 Introdução

Esta pesquisa busca refletir sobre a Literatura enquanto manifestação cultural, não sendo apenas um reflexo das questões sociais e políticas de seu tempo, mas também uma força poderosa e ativa na construção e desconstrução de conceitos e valores dentro de uma sociedade. Em diversas produções literárias, especialmente aquelas que tratam de temas como identidade, poder e relações sociais, a Literatura serve como um cenário de resistência às ideias dominantes, refletindo as tensões, os conflitos e as transformações que marcam as sociedades. Nesse sentido, a obra *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), do escritor baiano Jorge Amado, destaca-se como uma ferramenta significativa que pode ser trabalhada no âmbito escolar para promover reflexões críticas entre os estudantes sobre as relações de gênero, os estereótipos e as desigualdades sociais.

Ao abordar questões profundamente enraizadas nas estruturas sociais do Brasil, a obra oferece subsídios para a desconstrução de pensamentos patriarcais, estimulando nos educandos a capacidade de identificar e questionar ideologias que sustentam essas desigualdades. A análise dos personagens e das relações presentes na narrativa possibilita ainda que os leitores compreendam como a Literatura dialoga com as estruturas culturais e sociais de uma época, contribuindo para a formação de uma visão crítica e cidadã que transcende os limites da sala de aula, reforçando a importância de uma educação voltada para a construção de uma sociedade mais igualitária.

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar as ideologias sociais e culturais sobre os papéis femininos e masculinos presentes na obra *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), de Jorge Amado, evidenciando as representações de gênero e a forma como estas influenciam as interações entre os personagens e suas relações com a sociedade, além de refletir sobre como esses aspectos podem ser trabalhados no contexto escolar, promovendo reflexões críticas e a desconstrução de estereótipos de gênero entre os estudantes. Especificamente, propõe-se: a) compreender como Jorge Amado constrói os papéis de gênero na obra,

especialmente no que se refere à exclusão da mulher dos espaços de saber e à marginalização feminina no contexto educacional da década de 1920; b) analisar como a figura masculina é associada ao conhecimento, ao poder e à autoridade, evidenciando como a escolarização e o acesso à palavra eram privilégios masculinos, enquanto às mulheres restava o analfabetismo imposto pela estrutura patriarcal; e c) evidenciar como a personagem Malvina rompe com o machismo presente na sociedade e na educação por meio de atitudes que desafiam os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres em uma sociedade conservadora.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise literária da obra de Jorge Amado, com foco nas representações de gênero, a partir de uma leitura crítica das interações entre os personagens e os contextos sociais que moldam suas atitudes e comportamentos. A análise baseia-se tanto no conteúdo da obra quanto em fontes secundárias que dialogam com a temática proposta.

Como referencial teórico, o estudo apoia-se nos fundamentos de autores como Fernandes (2021), Freire (1967, 1970) Goldstein (2000, 2009) e Ribeiro (1999), cujas contribuições analisam as representações de gênero em *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) e suas implicações sociais e educacionais. Ilana Seltzer Goldstein e Rosana Patrício Ribeiro contribuem com reflexões sobre o patriarcalismo e as imagens femininas na obra, enquanto Maria Angélica Rocha Fernandes e Paulo Freire oferecem uma base crítica sobre educação libertadora e consciência social, permitindo compreender como a literatura pode funcionar como instrumento de resistência e transformação. Assim, este estudo pretende fomentar, no ambiente escolar, a reflexão crítica sobre os papéis de gênero e contribuir para a valorização da diversidade e a superação de padrões sociais tradicionais.

A presente pesquisa dedica-se a analisar as representações de gênero na obra *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), com ênfase nas figuras femininas e masculinas e na forma como são construídas e problematizadas. Através de uma reflexão, busca-se identificar as ideologias sociais e culturais que moldam as personagens e as interações entre elas, questionando, ao mesmo tempo, como essas construções literárias podem reforçar ou desafiar os estereótipos de gênero dominantes.

No que diz respeito às questões de gênero, a obra evidencia, de maneira sutil mas contundente, o abismo existente entre homens e mulheres no acesso ao saber.

Enquanto os personagens masculinos circulam livremente pelos espaços acadêmicos, ocupam cadeiras universitárias e são reconhecidos como detentores do conhecimento, as mulheres, em sua maioria, são levadas à invisibilidade intelectual. O direito de estudar, de frequentar instituições de ensino ou de produzir conhecimento é, para elas, constantemente negado, uma realidade histórica que se repete tanto na ficção quanto fora dela. Com isso, Amado nos leva a refletir sobre os mecanismos de exclusão que sustentaram, e ainda sustentam, a marginalização feminina nos campos da educação e da produção cultural.

O problema central que orienta esta pesquisa se concentra em de que maneira as ideologias sociais e culturais moldam os papéis femininos e masculinos na obra *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) e como essas representações dialogam com as normas de gênero estabelecidas pela sociedade patriarcal da época? Essa discussão nos leva a uma questão fundamental: como o analfabetismo feminino foi historicamente utilizado como ferramenta de opressão em uma sociedade patriarcal, onde o acesso à educação era privilégio quase exclusivo da figura masculina.

No universo retratado por *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), os homens ocupam naturalmente os espaços de poder, são vistos como provedores, respeitados em seus discursos e reconhecidos como legítimos detentores do saber. Em contrapartida, as mulheres são mantidas à margem desses espaços, privadas da escolarização e do direito à instrução formal. A condição de analfabetismo, especialmente no caso de Gabriela, não é apenas um aspecto individual, mas um reflexo de uma exclusão estrutural que atravessa a história de muitas mulheres. Ainda assim, personagens como Gabriela, Sinhazinha, Glória e Malvina desafiam essa lógica opressora. Malvina, em especial, rompe com o que se espera de uma mulher ao buscar seu espaço em ambientes tradicionalmente ocupados por homens, como a escola e os círculos de debate. Ainda assim, personagens como Gabriela e Sinhazinha carregam também a marca da invisibilidade social, ambas não possuem sobrenomes, o que simboliza a ausência de registros civis e, portanto, a falta de reconhecimento pleno como cidadãs.

A inexistência de documentos não apenas reforça sua condição de exclusão, como, também, evidencia a forma como a identidade feminina é anulada ou subordinada à figura masculina. Ser, nesse contexto, sem nome completo é ser sem voz institucional, sem direitos e sem lugar legítimo na estrutura social. A mulher, além de analfabeta, é também desautorizada a existir plenamente diante das leis e

das instituições. Esse apagamento reforça a marginalização que perpassa a trajetória das personagens femininas na obra.

O romance, portanto, vai além de retratar a organização das relações de poder entre os sexos em uma sociedade rigidamente hierárquica. Ele também revela as fissuras desse sistema. Mostra como, mesmo diante da exclusão educacional e do silenciamento simbólico, há espaços de resistência e de afirmação feminina. É nesse embate entre opressão e resistência que *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) se firma como uma obra potente para refletir sobre o papel da educação, ou da ausência dela, na perpetuação das desigualdades de gênero.

A escolha do tema para esta pesquisa se justifica pela relevância cultural e literária da obra *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), e pelo papel significativo que a análise de gênero desempenha na literatura brasileira. No ambiente escolar, é essencial proporcionar reflexões sobre as representações sociais na literatura, permitindo que os alunos compreendam criticamente as dinâmicas históricas e culturais que moldam a sociedade. Jorge Amado, um dos maiores nomes da Literatura brasileira, utiliza suas obras para representar e criticar as dinâmicas sociais do Brasil, abordando, em *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) questões como o patriarcalismo, a sexualidade e os papéis tradicionais de gênero.

Na escola, o estudo dessa obra possibilita discussões enriquecedoras sobre as desigualdades de gênero, promovendo o pensamento crítico dos estudantes. Em sala de aula, a análise das personagens de Amado permite que os leitores reflitam sobre as limitações impostas às mulheres e homens pela sociedade de sua época, estabelecendo relações com o contexto atual e incentivando debates sobre equidade, diversidade e representatividade.

Jorge Amado é um ícone indiscutível da literatura brasileira e internacional, destacando-se como o autor brasileiro mais adaptado para o cinema, teatro e televisão. O acervo do autor é de 49 livros traduzidos para 55 países e 49 idiomas, sua obra exerce uma influência que ultrapassa fronteiras e barreiras culturais. Reconhecido com o prestigioso Prêmio Camões em 1994, Amado deixou um legado que combina riqueza cultural e narrativa com alcance universal. Suas histórias, impregnadas de brasilidade, celebram a diversidade e a humanidade, cativando leitores e espectadores em todo o mundo (Souza, 2025; FCJA, 2025).

A obra de Amado é um clássico da literatura brasileira e, apesar de sua publicação em 1958, continua a ser uma fonte importante para discussões sobre

gênero, especialmente no contexto de uma sociedade que, em muitos aspectos, ainda carrega os resquícios da estrutura patriarcal. A análise das representações de gênero em *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) permite, portanto, uma reflexão crítica sobre a evolução dos papéis de gênero no Brasil e sobre como esses papéis ainda reverberam nas relações sociais contemporâneas. Além disso, o estudo da obra é fundamental para a desconstrução dos estereótipos que ainda sustentam práticas sexistas e machistas, contribuindo para a busca por uma sociedade mais igualitária, onde as identidades de gênero não sejam moldadas por normas rígidas e excludentes.

2 Analfabetismo e opressão feminina: a condição da mulher nas sociedades de *Gabriela, cravo e canela* (1958) e *Úrsula* (1859)

A obra *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), de Jorge Amado, apresenta uma visão crítica da sociedade patriarcal brasileira do início do século XX, onde as mulheres, especialmente as de classes populares e racializadas, eram sistematicamente excluídas da educação e submetidas à opressão masculina. A protagonista, Gabriela, uma mulher parda e analfabeta, encarna essa realidade, sendo constantemente pressionada a se adequar a um padrão de submissão, onde sua liberdade pessoal e seu desejo de independência são restringidos.

Falar da mulher na década de 1920 é mergulhar em um tempo em que o silêncio feminino não era apenas cultural, era imposto. Um tempo em que o lar era considerado o único lugar legítimo para a mulher, e onde o saber, os livros e a escrita eram espaços proibidos, reservados apenas aos homens. A mulher que ousava pensar, escrever, estudar ou expressar opinião era vista como uma ameaça à ordem vigente, uma ordem patriarcal, desigual, opressora. A escrita de Jorge Amado contribui intensamente para a construção da identidade nacional ao dar visibilidade a personagens que vivem à margem da sociedade, revelando as desigualdades sociais, raciais e de gênero presentes na história do Brasil. Essa construção por meio da literatura amadiana envolve escolhas simbólicas que revelam e, ao mesmo tempo, contestam estruturas sociais historicamente estabelecidas. Como aponta Ilana Seltzer Goldstein em sua obra *O Brasil best seller de Jorge Amado*:

O importante é destacar que o processo de construção identitária é um embate dialético entre, de um lado, elementos recorrentes de um repertório cultural e, de outro, a seleção contrastiva, situacional e política de certos valores ou comportamentos. A noção de representação simbólica é uma maneira de dar conta dessa dialética (Goldstein, 2000, p. 32).

Essa reflexão contribui para compreender como a literatura de Jorge Amado participa ativamente da formação da identidade nacional, ao representar simbolicamente sujeitos historicamente marginalizados. Em *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), o autor apresenta figuras femininas que, embora invisibilizadas pelas estruturas patriarcais e privadas de direitos básicos como a escolarização e o registro civil, carregam em si força, desejo e liberdade. Ao narrar o cotidiano de mulheres como Gabriela e Sinhazinha, Jorge Amado expõe a opressão vivida por elas, mas também revela sua potência transformadora. Sua literatura se torna, assim, uma forma de reconstruir a imagem do povo brasileiro, incluindo aqueles que historicamente foram silenciados. Ao valorizar o feminino popular e desafiar a ordem conservadora, Amado humaniza os excluídos e reinscreve suas histórias na narrativa da nação.

Gabriela, Cravo e Canela (1958), de Jorge Amado, nos conduz com sensibilidade e realismo a esse cenário. Na Ilhéus da década de 20, enquanto os homens frequentavam o cabaré, os debates políticos e as rodas de leitura, as mulheres eram mantidas à margem. Esperava-se delas silêncio, submissão e docilidade. Como evidencia Ribeiro (1999, p. 23): “A posição subalterna da mulher permanece antes e depois do casamento. Enquanto solteiras, devem obediência aos pais e irmãos; quando casadas, passam a dever obediência e obrigações ao marido”.

A própria figura de Gabriela, analfabeta, vinda do sertão, de pés descalços e alma livre, rompe com esses moldes, mas não sem ser julgada por isso. Sua sensualidade e espontaneidade incomodam, desafiam, confrontam os valores daquela sociedade dominada por coronéis, onde o poder era masculino e o saber, também. Paulo Freire no seu livro *Pedagogia do Oprimido* evidencia como o acesso à educação liberta e constrói a autonomia feminina quando diz:

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo — assim também na negação do

mundo como uma realidade ausente dos homens (Freire, 1970, p. 40).

Deste modo, a ausência de acesso à educação formal é uma das mais violentas formas de opressão enfrentadas por essas mulheres. Não estudar significava não ler, não escrever, e, portanto, não ter voz. Era um apagamento social, cultural e político. E mais do que isso: era uma estratégia consciente de manutenção da desigualdade. A mulher que não lê, não questiona. A que não escreve, não registra sua história. A que não estuda, não conquista autonomia.

Essa exclusão ao saber para mulheres como Gabriela, uma mulher parda, vinda do sertão, analfabeta, não pode ser vista como um simples erro do destino ou falha do sistema. É, na verdade, parte de um projeto de exclusão historicamente construído, que mantém determinados grupos à margem, impedindo-os de acessar direitos básicos como o saber, a palavra e a autonomia. Negar a essas mulheres o direito de aprender é uma forma sutil, porém brutal, de garantir que permaneçam em posições de subordinação.

Paulo Freire (1970, p. 40) nos ajuda a compreender essa lógica quando afirma que à educação libertadora “implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo”. Em outras palavras, ele nos lembra que o ser humano só se realiza plenamente quando tem a oportunidade de se inserir criticamente em sua realidade, de compreender o mundo para poder transformá-lo. Gabriela, ao ser privada da educação, é também privada dessa possibilidade de se reconhecer como sujeito da própria história. É mantida em um lugar de silêncio e invisibilidade, como se existisse apenas para cumprir papéis impostos por uma sociedade dominada por homens, coronéis e preconceitos.

O analfabetismo, portanto, não é apenas um detalhe sobre sua personagem. É a expressão de um sistema que nega às mulheres, especialmente às negras e pobres, o direito à palavra, ao pensamento, à escolha. Para Paulo Freire, a ausência de educação impede que o sujeito se reconheça como agente de sua própria história, limitando sua humanidade. E é justamente isso que acontece com Gabriela, ela é constantemente empurrada para um lugar onde não pode questionar, apenas obedecer. Ainda assim, sua presença, seu corpo livre, sua recusa em se encaixar, tornam-se uma forma silenciosa de resistência. Mesmo sem as letras, ela grita. Mesmo sem os livros, ela desafia.

Ao refletir sobre o lugar social ocupado por Gabriela, é inevitável não considerar como o analfabetismo funciona, historicamente, como uma ferramenta de opressão e Freire (1970) nos convida a pensar a educação como condição fundamental para a humanização do sujeito quando destaca na página 43 do seu livro *Pedagogia do Oprimido* a seguinte afirmação:

Seria, realmente, uma violência, como de fato é, que os homens, seres históricos e necessariamente inseridos num movimento de busca, com outros homens, não fossem o sujeito de seu próprio movimento. Por isto mesmo é que, qualquer que seja a situação em que alguns homens proibam aos outros que sejam sujeitos de sua busca, se instaura como situação violenta. Não importa os meios usados para esta proibição. Fazê-los objetos é aliená-los de suas decisões, que são transferidas a outro ou a outros (Freire, 1970, p. 43).

A perspectiva freiriana denuncia a estrutura violenta de um sistema que transforma indivíduos em objetos, retirando deles o direito à escolha, à crítica, à construção de sua própria trajetória. Essa ideia se conecta diretamente à trajetória de mulheres como Gabriela, que, por serem privadas da educação formal, são também afastadas da possibilidade de compreender, questionar e transformar o mundo à sua volta. É um silenciamento que não se limita à linguagem escrita, mas que afeta a forma como essas mulheres são percebidas e percebem a si mesmas dentro da sociedade.

No contexto da personagem de Jorge Amado, a ausência de escolarização da protagonista não se apresenta como uma criação narrativa, mas como uma crítica à exclusão sistemática das mulheres pobres e racializadas. O analfabetismo de Gabriela não é apenas uma característica da personagem, mas um retrato social que, ainda hoje, encontra paralelos nas estatísticas da sociedade brasileira, nas quais os maiores índices de analfabetismo continuam atingindo mulheres negras, especialmente do campo e da periferia. Isso reforça a ideia de que o acesso ao saber foi, e ainda é, um campo de disputas.

A mulher que não lê não apenas perde o acesso à informação, mas, também, é excluída dos espaços de decisão e protagonismo. Essa exclusão se alinha à perspectiva freiriana de educação que compreende que negar a alguém o direito de aprender é também afastá-lo da possibilidade de refletir criticamente sobre sua realidade. Gabriela, ao ser negada da educação, é também impedida de ser sujeito

de sua própria história. Sua trajetória é marcada por um contínuo tensionamento entre a tentativa de ser livre e os limites impostos por uma sociedade que a quer muda, submissa e domesticada.

Mas, curiosamente, e talvez até dolorosamente, mesmo sem saber ler, Gabriela comunica. Sua resistência não está nas palavras, mas nos gestos, no corpo, na recusa em se moldar às expectativas sociais. É nesse ponto que a personagem se torna tão poderosa. Ela não precisa do discurso articulado para afirmar sua autonomia, ela vive, à sua maneira, um tipo de liberdade que incomoda os que estão ao seu redor. Seu corpo livre, seus pés descalços, sua recusa em aceitar o modelo da “dona de casa civilizada” são, por si só, manifestações de resistência.

É importante lembrar que Freire (1967) em *Educação como Prática de Liberdade*, não defende qualquer tipo de educação, mas sim uma educação crítica, libertadora, que considere o sujeito em sua totalidade e contexto. Nesse sentido, pensar na condição de Gabriela nos faz enxergar as lacunas e os desafios de um sistema educacional que, historicamente, não foi pensado para incluir mulheres como ela. A ausência de escola em sua vida não é somente um dado narrativo, mas um reflexo de políticas e práticas que negaram às mulheres pobres o direito de pensar o mundo por si mesmas. É uma exclusão que, na concepção freiriana, transforma pessoas em objetos, retirando-lhes a capacidade de decidir, de escolher, de agir de forma crítica.

Inserir essa análise no debate sobre o papel da mulher na literatura brasileira nos ajuda a perceber como as estruturas sociais atravessam as personagens e as narrativas. Gabriela é, ao mesmo tempo, símbolo e denúncia, símbolo da mulher que, mesmo excluída, encontra formas de existir com dignidade e denúncia de uma sociedade que insiste em negar a determinadas pessoas, especialmente as mulheres negras, o direito à palavra, à escuta e à transformação. Nesse contexto, é possível reconhecer uma intencionalidade mais profunda na construção dessas personagens por Jorge Amado, que vai além do retrato superficial. Como aponta Maria Angélica Rocha Fernandes em sua tese intitulada *A B C de Jorge Amado e diálogos educacionais entre: a mado Bahia cinema:*

Amado vai gradualmente afinando uma intenção literária, de técnica e de estilo, que a crítica esteve longe de reconhecer, ao transformar

os desabafos da miséria e do preconceito nas mulheres e nos malandros em ponto de convergência para a interpretação do conjunto da obra do romancista. Pode-se talvez justificar, sem concordar com os excessos da crítica, que o espírito Amado na composição dos seus personagens reflete todo aquele ruminar dos preconceitos e desenganos que o autor experimentou e expôs sem mais amargura ao longo dos anos, parece haver uma intenção autoral mais sedimentada na busca de um horizonte maior, entre a história política e a realidade social, como deixa entrever a construção de um herói que investe contra a ordem para afinal confirmá-la (Fernandes, 2021, p. 39).

Essa leitura nos permite compreender que, na obra de Jorge Amado, os sujeitos historicamente marginalizados, como Gabriela, não ocupam apenas posições fictícias na narrativa social, mas assumem um papel simbólico fundamental, são figuras de resistência, de crítica às estruturas opressoras e de revelação das contradições que sustentam a ordem vigente. Essa marginalização do saber feminino não está apenas na ficção. Ela é refletida na própria história da literatura brasileira. Maria Firmina dos Reis, por exemplo, considerada a primeira romancista negra do Brasil, nos apresenta, em sua obra *Úrsula* (1859) uma personagem feminina marcada pelo analfabetismo e pela exclusão. Não é coincidência, Maria Firmina escrevia em um tempo em que ser mulher e escrever já era uma afronta; ser mulher negra e escrever, um ato revolucionário. Sua obra, por muito tempo esquecida, é também prova de como a história literária silenciou vozes que ousaram falar fora do lugar reservado. No livro *Úrsula*, já no prólogo da obra, Reis (1859) traz uma declaração contundente, que expõe claramente o silenciamento imposto à mulher, quando enfatiza:

Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo (Reis, 2018, p. 11).

Esse trecho descrito por Maria Firmina dos Reis evidencia a exclusão sofrida pelas mulheres na educação, a autora já assume seu posicionamento como marginal no campo intelectual, reconhecendo como o saber formal é negado a ela por ser mulher, reforçando que a educação, de fato, era espaço masculino.

O paralelo entre *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), de Jorge Amado e *Úrsula*

(1859), de Maria Firmina dos Reis, é essencial para compreender como a literatura brasileira denunciou essa realidade em diferentes épocas. Ambas as obras apresentam personagens femininas que são oprimidas em razão de sua condição social e de gênero. Em *Úrsula* (1859) temos figuras femininas como Dona Luísa, a mãe da protagonista, que sofreu no casamento e terminou seus dias doente e acamada, e a própria Úrsula, uma mulher sonhadora, mas vítima da violência masculina. Além delas, aparecem a mãe de Tancredo, que sofre violência psicológica, e Suzana, que, apesar de guerreira, também enfrentou grandes dificuldades e opressões. A narrativa de Maria Firmina dos Reis expõe uma visão da condição feminina no Brasil do século XIX, destacando a falta de opções e os limites impostos às mulheres na sociedade patriarcal.

No caso de Gabriela, seu analfabetismo não apenas limita suas possibilidades, mas também define como a sociedade a enxerga. Para Nacib, seu companheiro, Gabriela é desejável enquanto se encaixa no papel de mulher serviçal e sensualmente espontânea. No entanto, quando surge a necessidade de que ela se adeque às normas burguesas e se torne uma "esposa respeitável", sua liberdade é ameaçada. O casamento, que deveria ser um vínculo de afeto e parceria, transforma-se em um instrumento de controle. A ausência de acesso ao conhecimento impede Gabriela de contestar a ordem social e buscar uma existência autônoma, assim como acontecia com as mulheres representadas em *Úrsula* (1859).

O controle sobre o corpo e as escolhas das mulheres, fortemente evidenciado em ambas as obras, revela a persistência de uma estrutura patriarcal que molda suas vidas desde o nascimento. As mulheres não podiam estudar, não tinham autonomia para decidir sobre seus destinos e eram frequentemente tratadas como propriedade dos homens. No caso de Gabriela, *Cravo e Canela* (1958) representa a mulher que deseja ser livre, mas cuja liberdade é constantemente cerceada pelos padrões sociais. Em *Úrsula* (1859), as personagens femininas também enfrentam imposições semelhantes, sendo oprimidas não apenas pelo casamento, mas também pelas condições econômicas e pela falta de oportunidades.

Portanto, tanto Jorge Amado, quanto Maria Firmina dos Reis utilizam suas personagens para denunciar a opressão feminina e a exclusão das mulheres da educação, ressaltando como esse mecanismo de controle perpetuava a desigualdade social e de gênero. As duas obras mostram que a falta de acesso ao conhecimento servia como ferramenta de manutenção da estrutura patriarcal,

tornando a liberdade feminina uma ideia quase inalcançável. Assim, Gabriela e as mulheres de *Úrsula* (1859) representam diferentes faces da mesma luta: a resistência feminina em um mundo que insiste em limitá-las.

Em *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), vemos como o analfabetismo e a opressão feminina se entrelaçam, funcionando como ferramentas de dominação. As mulheres que sabiam ler e escrever, como Malvina, por exemplo, eram vistas com desconfiança. Suas ideias eram ameaçadoras. Já as que, como Gabriela, permaneciam fora do sistema escolar, eram facilmente rotuladas e controladas, mesmo que, paradoxalmente, encontrassem brechas para subverter essa lógica com sua própria maneira de existir.

E o que dizer de Rachel de Queiroz? Primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, mas apenas em 1977 (UOL, 2022).

Décadas se passaram até que uma mulher fosse reconhecida em uma instituição que, por tanto tempo, se manteve como um clube masculino. Isso nos mostra o quanto o espaço da escrita, da intelectualidade e da produção de conhecimento foi, historicamente, negado às mulheres. Analisar essas personagens é abrir espaço para uma reflexão urgente: por que tantas mulheres, ainda hoje, seguem sendo silenciadas, excluídas, invisibilizadas? O que significa, de fato, dar voz à mulher? Não basta permitir que ela fale, é preciso ouvi-la, respeitá-la, garantir que tenha acesso ao que historicamente lhe foi negado.

Por isso, trabalhar obras como *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) e *Úrsula* (1859) nas escolas é mais do que uma leitura literária. É um ato político. É possibilitar que estudantes, especialmente meninas, reconheçam os mecanismos de opressão que atravessam a história e ainda resistem no presente. É convidá-las a ocupar os espaços de fala, de escrita e de poder que sempre lhes pertenceram, mesmo que tenham sido negados.

3 Malvina como representação de uma educação freiriana

Na obra *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), de Jorge Amado, Malvina se destaca como uma personagem que desafia as normas patriarcais da sociedade ilheense do início do século XX. Filha de coronel Melk Tavares, um dos expoentes do conservadorismo local, Malvina é uma jovem que não se conforma com as imposições de gênero que limitam a liberdade das mulheres. Seu desejo de estudar,

de ter autonomia e de construir uma vida independente a coloca em conflito com sua família e com a sociedade que a rodeia. Essa liberdade almejada pela personagem é descrita por Angélica Soletti em sua monografia *Gabriela: sapato e liberdade*:

Liberdade feminina é um assunto de extrema relevância, visto que apenas o fato de ser mulher implica na cobrança de certos comportamentos e valores ainda que de forma sutil ou camuflada. Há, em determinados comentários, muitas vezes, julgamento quanto ao que a sociedade não considera adequado com relação ao comportamento feminino. Temendo estas cobranças, muitas mulheres acabam por adotar um comportamento convencional, mas não se sentem felizes e algumas, mais tarde, infelizes, optam por abandonar a submissão à convenção e, descalçando os sapatos, seguem em frente, felizes. Outras, contudo, carregam o peso dos sapatos pelo resto de suas vidas (Soletti, 2017, p. 12).

Malvina não aceita o destino reservado às mulheres de sua época, que se limitava ao casamento e à submissão. Ela deseja cursar uma universidade, trabalhar e fazer escolhas próprias, o que representa uma afronta direta aos valores patriarcais vigentes. Como destaca Rosana Patrício Ribeiro na obra *Imagens de mulher em Gabriela de Jorge Amado*:

Assim como a literatura, os bailes no Clube Progresso e o cinema são considerados pelos coronéis formas de 'descaminho' das mulheres. Numa frase, o narrador interpreta o pensamento do coronel Ramiro e esse respeito: Moça solteira é para esperar marido, sabendo coser, tocar piano, dirigir a cozinha. [...] Qualquer atitude que contrariasse o modelo estabelecido era rechaçada e passível de punição. O desejo de cursar uma faculdade, expresso por Malvina, é visto pelo pai como uma atitude desaconselhável (Ribeiro, 1999, p. 49).

Sua recusa em se submeter às normas sociais culmina em uma situação de exclusão e marginalização, levando-a a deixar Ilhéus para viver em um ambiente que permita sua autodeterminação.

Paulo Freire, em *Educação como Prática da Liberdade* (1967), defende a educação como um meio de conscientização e emancipação social. Para ele, a educação bancária, que impõe o conhecimento de forma mecânica e autoritária, deve ser substituída por uma educação dialógica e libertadora. Esse modelo educativo permite que os indivíduos tomem consciência crítica de sua realidade e atuem para transformá-la.

Ao observarmos o percurso de Malvina na obra *Gabriela, Cravo e Canela*

(1958), torna-se evidente que sua existência ficcional não se limita a uma representação simbólica de resistência, ela corporifica o desejo concreto por transformação social. Jorge Amado, ao construir uma personagem tão consciente de sua condição e ativa em sua negação, antecipa uma pedagogia que, mais tarde, Paulo Freire formalizaria em seus escritos. Uma pedagogia fundamentada na escuta, na criticidade e na libertação.

Malvina não apenas nega o papel passivo que lhe foi socialmente destinado, mas age sobre essa recusa com orgulho. Ela não se rebela por instinto ou uma revolta vazia, sua luta é pautada por um desejo profundo de sentido, de reconstrução de si e do mundo ao seu redor. É exatamente esse tipo de sujeito que Freire vislumbra quando fala da formação de indivíduos comprometidos com a transformação de sua realidade. Malvina está longe de ser uma heroína idealizada. Ela é uma jovem que sente medo, dúvida, solidão. Mas também é alguém que, mesmo diante da dor e do isolamento, não abre mão de seus princípios, de seus sonhos e da esperança de um outro mundo possível. Esse tensionamento interno e externo que ela vive representa, simbolicamente, o processo dialético de conscientização descrito por Paulo Freire no livro *Educação como Prática de Liberdade*,

Entre nós, repita-se, a educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude. De criação de disposições democráticas através da qual se substituíssem no brasileiro, antigos e culturológicos hábitos de passividade, por novos hábitos de participação e ingerência, de acordo com o novo clima da fase de transição. Aspecto este já afirmado por nós várias vezes e reafirmado com a mesma força com que muita coisa considerada óbvia precisa, neste País, ser realçada. Aspecto importante, de nosso agir educativo, pois, se faltaram condições no nosso passado histórico-cultural, que nos tivessem dado, como a outros povos, uma constante de hábitos solidaristas, política e socialmente, que nos fizessem menos inautênticos dentro da forma democrática de governo, restava-nos, então, aproveitando as condições novas do clima atual do processo, favoráveis à democratização, apelar para a educação, como ação social, através da qual se incorporassem ao brasileiro estes hábitos (Freire, 1967, p. 101).

Nesse sentido, Malvina representa, na narrativa de Jorge Amado, a encarnação dessa educação como prática de liberdade. Sua postura crítica diante dos papéis impostos às mulheres, sua recusa em aceitar a passividade como destino e sua busca por autonomia e participação ativa na vida social e afetiva

ressoam diretamente com o ideal freiriano de um sujeito histórico capaz de romper com estruturas opressoras. Malvina não apenas aprende, mas se educa na resistência, desenvolvendo uma consciência que a impulsiona à ação transformadora. Sua trajetória evidencia que a verdadeira educação vai além da alfabetização formal, trata-se de um processo de humanização, de tomada de posição no mundo e de responsabilidade diante de si e do outro.

Ao rejeitar o destino de esposa submissa e buscar uma existência autônoma, Malvina deixa de ser objeto de uma narrativa tradicional para se tornar sujeito de sua própria história. Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1970, p. 39) enfatiza que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Ainda que Malvina, dentro do universo do romance, não tenha uma comunidade educativa que a acolha e compartilhe de sua visão transformadora, ela constrói para si um novo caminho, rompendo com os silêncios impostos e ressignificando seu papel de mulher e estudante.

Freire defende que a educação deve partir da experiência do educando e incentivá-lo a questionar sua condição social, tornando-se agente de sua própria história. Para ele, a educação libertadora é um ato político, pois promove a reflexão sobre as estruturas de poder e possibilita a emancipação daqueles que estão submetidos à opressão.

É interessante notar que a relação da personagem com o saber não se dá de forma inconsciente ou distante, como nos moldes tradicionais da educação bancária. Malvina quer aprender porque sabe que o conhecimento pode ser uma chave para a liberdade. Seu desejo por uma educação universitária não se restringe à obtenção de um diploma, mas expressa uma busca por participação social, por pertencimento intelectual e por autonomia existencial. Esse olhar ativo sobre o saber a coloca como uma figura radicalmente contrária à lógica que reduz a mulher ao espaço doméstico e à passividade.

Ainda que Malvina não tenha conhecido Paulo Freire, sua trajetória na obra de Jorge Amado se alinha às ideias do educador pernambucano. Ela rejeita o conhecimento imposto por uma sociedade que pretende mantê-la em uma posição de subalternidade e busca uma forma de educação que lhe permita a liberdade de escolha e de expressão.

O desejo de Malvina por educação vai além da aquisição de conhecimentos formais, trata-se de um processo de emancipação e autodeterminação. Ela

representa o que Paulo Freire chamaria de sujeito histórico, aquele que, ao tomar consciência de sua realidade, busca transformá-la. Seu conflito com a sociedade de Ilhéus reflete a luta entre uma educação opressora, que busca manter as estruturas de poder inalteradas, e uma educação libertadora, que permite ao indivíduo desafiar tais estruturas.

O exílio voluntário de Malvina, ao abandonar Ilhéus para buscar uma vida em que possa ser dona de seu destino, simboliza a ruptura com a educação tradicional e opressora e a busca por uma educação emancipadora. Sua história ressalta como a educação pode ser um instrumento de resistência e autonomia, um conceito essencial na pedagogia freiriana.

Malvina, ainda que ficcional, representa uma trajetória que ressoa fortemente com os princípios defendidos por Paulo Freire em *Educação como Prática da Liberdade* (1967). Seu desejo de estudar e sua luta por autonomia simbolizam o processo de conscientização e emancipação promovido pela educação libertadora. Ao rejeitar as amarras impostas pelo patriarcado e buscar uma vida onde possa exercer sua liberdade, Malvina se torna uma personagem essencial para se pensar a relação entre literatura, educação e emancipação social. Sua história evidencia a importância da educação na formação de indivíduos críticos e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

É nesse ponto que a ficção se torna espaço fértil para a reflexão pedagógica. A personagem de Jorge Amado não serve apenas como ilustração de ideias freirianas, mas como provocação viva, como convite à ação e à reflexão. Malvina nos interroga: quantas mulheres, em diferentes épocas e contextos, foram silenciadas em nome da tradição? Quantas tiveram seus sonhos interditados por uma educação que apenas reproduz a exclusão? E, sobretudo, quantas encontraram, como ela, uma fresta por onde pudessem reinventar suas vidas?

Responder a essas perguntas nos leva a pensar na literatura como um campo privilegiado de formação crítica. Ler Malvina é, também, nos ler. É nos vermos confrontados com nossas próprias certezas, preconceitos e omissões. Por isso, a personagem transcende o espaço da ficção e se torna companheira de caminhada de todos aqueles que acreditam na potência da educação como ato de amor, coragem e transformação, como ensinou Paulo Freire. Nesse contexto, pensar a presença da literatura, e das artes em geral, no espaço escolar é fundamental para compreendermos seus efeitos na formação humana e cidadã. Como afirma Maria

Angélica Rocha Fernandes em sua tese:

Mas por que cinema, literatura e escola? Eles podem melhorar o ensino? A resposta a essas perguntas remete-nos às indagações sobre a potência educativa das artes, e, especificamente, sobre a importância delas na mudança das nossas práticas pedagógicas. Nossa aposta é que cinema e a literatura representam um fantástico potencial de aprendizado para espectadores e leitores. Este trabalho busca construir uma inteligibilidade dessas artes na educação e discutir caminhos para transformar a exibição de filmes na sala de aula, como exercício de criação e imaginação, do encontro do filme com o romance, dentro da escola. Em soma, a escola como um espaço-tempo para fazer do espectador (de filmes) um bom leitor (de livros)! (Fernandes, 2021, p. 76).

Assim, ao unirmos literatura, Jorge Amado e Paulo Freire no ambiente escolar, poderemos ampliar nossa compreensão da literatura como ferramenta de diálogo entre realidade e imaginação, e desenvolver o pensamento crítico dos leitores. Ao refletir sobre Malvina e os sujeitos históricos da vida real, abrimos espaço para uma reflexão ampla e profundamente humana sobre o papel da educação na construção de novos mundos possíveis. Malvina é, nesse sentido, mais do que uma personagem, ela é busca por mudança, metáfora viva da esperança freiriana.

4 Considerações Finais

Esta pesquisa partiu da reflexão sobre a relação entre analfabetismo e opressão feminina na obra *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), de Jorge Amado destacando como a falta de acesso à educação contribui para o sofrimento e a opressão das mulheres, especialmente na obra de Jorge Amado, e ao considerar a importância da educação para a libertação das mulheres. A ideia foi entender como a educação pode ser um caminho para que as mulheres saiam de um lugar de silêncio e submissão e possam construir suas próprias histórias.

Ao longo da pesquisa, vimos que as personagens femininas, nas obras analisadas, mostram diferentes maneiras pelas quais as mulheres são excluídas e, ao mesmo tempo, resistem a essa exclusão. O analfabetismo, ou seja, a falta de acesso à leitura e à escrita, não é só uma dificuldade prática, mas uma forma de manter as mulheres afastadas do poder e da liberdade. Malvina, em especial,

aparece como uma mulher que luta contra essa realidade, buscando a educação para se tornar dona de sua vida e capaz de transformar seu destino.

Percebemos que, para Malvina, aprender não é só conseguir um diploma, mas sim uma forma de se afirmar, de se libertar e de questionar tudo aquilo que a prende a um papel limitado na sociedade. Ela nos mostra o que Paulo Freire chamava de educação verdadeira, aquela que abre os olhos, que faz a pessoa pensar, agir e mudar a sua vida.

Este trabalho também destacou como a literatura pode ser uma grande aliada para refletirmos sobre essas questões. Ler essas histórias nos ajuda a entender melhor o mundo, a nossa própria realidade, e a importância da educação para a transformação social.

A literatura, ao longo desta pesquisa, revelou-se não apenas como um espelho das estruturas sociais, mas como uma ponte para a transformação. Ao analisar a obra *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), de Jorge Amado, compreende-se que ela vai além de retratar personagens ficcionais. Essa narrativa constrói uma denúncia viva das opressões históricas vividas por mulheres pobres, negras, analfabetas, ou simplesmente mulheres que ousaram desejar algo diferente do papel que lhes foi imposto. Gabriela, Malvina, Úrsula e tantas outras personagens femininas representam vozes que, durante muito tempo, foram silenciadas. No entanto, ao ocuparem as páginas literárias, ganham corpo, nome e história, e, com isso, abrem caminho para que outras mulheres também possam ocupar espaços de fala, de escuta e de transformação.

É nesse contexto que a literatura se torna ferramenta indispensável na sala de aula. Não apenas como conteúdo a ser decorado, mas como oportunidade de olhar para o mundo com mais sensibilidade e consciência crítica. Ao promover a leitura dessas obras com os estudantes, o professor oferece muito mais do que um contato com o texto literário, oferece a possibilidade de enxergar o outro, de se reconhecer nas dores e nos sonhos das personagens, de questionar estruturas injustas que ainda permanecem enraizadas na sociedade. Trata-se de um trabalho formativo, formar leitores capazes de pensar e agir no mundo com empatia, responsabilidade e ética.

A literatura é, portanto, um convite constante à reflexão. Ao permitir que o estudante compreenda o passado e enxergue os reflexos desse passado no presente, ela contribui diretamente para a construção de um sujeito crítico e cidadão.

Ler *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) e *Úrsula* (1859) na escola é resgatar histórias que foram apagadas, é provocar o pensamento, é encorajar a mudança. Nesse sentido, o espaço escolar deve valorizar a leitura literária não como algo periférico, mas como um dos principais instrumentos de conscientização social. Essa pesquisa mostrou que quando a literatura se une à educação, especialmente à educação crítica, como propõe Paulo Freire (1967), ela se transforma em prática de liberdade. Uma liberdade que começa nas páginas dos livros, mas que precisa se concretizar na vida real.

Claro que a pesquisa não conseguiu explorar tudo, e isso abre portas para novas descobertas. Seria muito interessante olhar para outras histórias e personagens, que também enfrentam essas lutas, e pensar em como a educação pode ser usada na prática para ajudar a libertar ainda mais pessoas.

Em suma, esta pesquisa reafirma que educação e literatura são muito mais do que aprender conteúdos, elas são um caminho de liberdade, um instrumento para que cada pessoa, especialmente as mulheres, possam conquistar seu espaço, sua voz e seu direito de viver plenamente. A história de Malvina nos inspira a acreditar que, mesmo diante das dificuldades, é possível romper com o silêncio, transformar a realidade e construir um futuro melhor.

Referências

AMADO, Jorge. **Gabriela, Cravo e Canela**. 51. ed. Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Martins, 1958.

FERNANDES, Maria Angélica Rocha. **A B C de Jorge Amado e diálogos educacionais entre**: Amado, Bahia e cinema. Rio de Janeiro, 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO (FCJA). **Jorge Amado**: biografia. Disponível em: <https://www.jorgeamado.org.br/sobre/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. **O Brasil Best-Seller de Jorge Amado**: Literatura e Identidade Nacional. São Paulo: Editora Senac, 2000.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. A construção da identidade nacional nos romances de Jorge Amado. *In: O universo de Jorge Amado—Caderno de leituras*. São Paulo:

Companhia das Letras, 2009. p. 62-75.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. 1859.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Estabelecimento do texto e introdução de Maria Helena Pereira Toledo Machado; cronologia de Flávio dos Santos Gomes. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Rosana Patrício. **Imagens de mulher em Gabriela de Jorge Amado**. 1. ed. Casa de Palavras, 1999.

SOLETTI, Angélica. **Gabriela**: sapatos e liberdade. 2017. Monografia (Graduação em Letras) - Universidade do Paraná, Pato Branco, 2017.

SOUZA, Warley. Jorge Amado. **Mundo Educação**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/jorge-amado.htm>. Acesso em: 1 jun. 2025

UOL. Conheça as mulheres imortais da Academia Brasileira de Letras. **Minuto Cultura**, 4 ago. 2022 Disponível em: https://cultura.uol.com.br/minuto-cultura/noticias/2022/08/04/160_conheca-as-mulheres-imortais-da-academia-brasileira-de-letras.html. Acesso em: 1 jun. 2025.